

Olhar apurado

A diferença entre o manual e o digital está no tempo. Antes do AFIS, a análise de um caso durava mais de uma semana. Em uma ficha com o nome complicado de monodactilares, as impressões eram separadas dedo a dedo. Aquelas que tinham características semelhantes eram colocadas juntas. Aí começava o trabalho de garimpagem dos peritos. Num universo imenso, eles procuravam o dono de tal impressão, o que levava muito tempo.

Hoje, a técnica é considerada ultrapassada, mas não foi descartada por falta de mais máquinas como o AFIS. Nos dois casos, a chance de erro é zero. "Não há a possibilidade de dúvidas. O sistema nos apresenta 15 candidatos e o perito vai confirmar pelo confronto. Ou um deles vai ser o dono da impressão ou nenhum deles. Não há como haver dúvidas", explicou Simão.

De janeiro até a última segunda-feira, os peritos do II tinham feito 5.600 análises de impressões digitais de suspeitos de crimes. São mais de 30 por dia. De posse da impressão colhida, eles escaneiam e as inserem no banco de dados do AFIS, que faz o confronto com todas as pessoas identificadas criminalmente. São quase 60 mil pessoas cadastradas nas delegacias brasilienses e, no Brasil, mais de um milhão. O sistema não identifica de imediato o dono da digital. Ele apresenta 15 candidatos que possuem digitais semelhantes com a analisada.

■ Olhar apurado

É aí que entra o olhar apurado dos papiloscopistas. Nenhum detalhe do fragmento passa despercebido. Eles observam os poros, pontos característicos e são capazes de precisar se alguém pegou ou não em uma superfície de madeira, por exemplo. O diretor da Divisão de Perícia e Exames Técnicos em Papiloscopia do II, Marcelo Guy Rijo do Nascimento, faz uma ponderação: não há dúvidas sobre a impressão, porém, isso não significa que o autor da impressão seja necessariamente o autor do crime.

"Em quase 90% dos casos, a impressão é do criminoso, mas nosso trabalho é revelar a impressão. A missão de apontar o autor é do delegado responsável

"Em quase 90% dos casos, a impressão é do criminoso, mas nosso trabalho é revelar a impressão"

MARCELO GUY RIJO DO NASCIMENTO, DIRETOR DA DIVISÃO DE PERÍCIA E EXAMES TÉCNICOS EM PAPILOSCOPIA

por conduzir o inquérito", observa Marcelo.

Após o procedimento de identificação, é elaborado um laudo que será anexado ao inquérito policial e encaminhado à delegacia. "É um trabalho de suma importância que o Instituto de Identificação faz. Muitos crimes são desvendados graças a esse trabalho", elogia o delegado-chefe da Coordenação de Crimes Contra a Vida (Corvida), Luiz Julião Ribeiro.

O trabalho discreto dos peritos do II contribuiu para elucidar muitos crimes de difícil solução no DF. O caso mais recente ocorreu na última segunda-feira. Agentes da Delegacia de Repressão a Roubos (DRR), colocaram atrás das grades uma organizada quadrilha de roubo a bancos no DF e em Goiás. Em setembro último, dois integrantes do bando renderam o vigilante em uma agência do Branco do Brasil, em Taguatinga Sul e levaram um malote com cerca de R\$ 300 mil.

Um capacete e uma moto bastaram para que os peritos identificassem o líder do bando, Cláudio Rogério Benjamim, 30 anos. Por ele, a polícia conseguiu chegar aos outros integrantes da quadrilha, que se escondiam em um bairro de Goiânia. "A maestria dos profissionais do II é de fundamental importância para a elucidação de muitos crimes. Este trabalho deles, junto com a investigação paralela, faz com que os índices de soluções de crimes no DF sejam os melhores do país", afirma o chefe da Delegacia de Repressão a Roubos (DRR), Watson Warmling.